



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# CURIOSIDADES VISTAS

Pelo ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTAÑE

**N**ÃO me esqueço que prometi contar-lhes, quando vim aqui, substituir outra pessoa, colaboradora do «Pim-Pam-Pum», coisas extraordinárias que vi nos países longínquos onde pouca gente tem chegado.

Uma delas, que aqui vou deixar narrada, é natural que desperte grande interesse aos meus queridos leitorzinhos.

Trata-se da maneira como vivem certos habitantes das margens dos mares árticos.

A vida ali é muito difícil, não se vê senão gelo e mais nada.

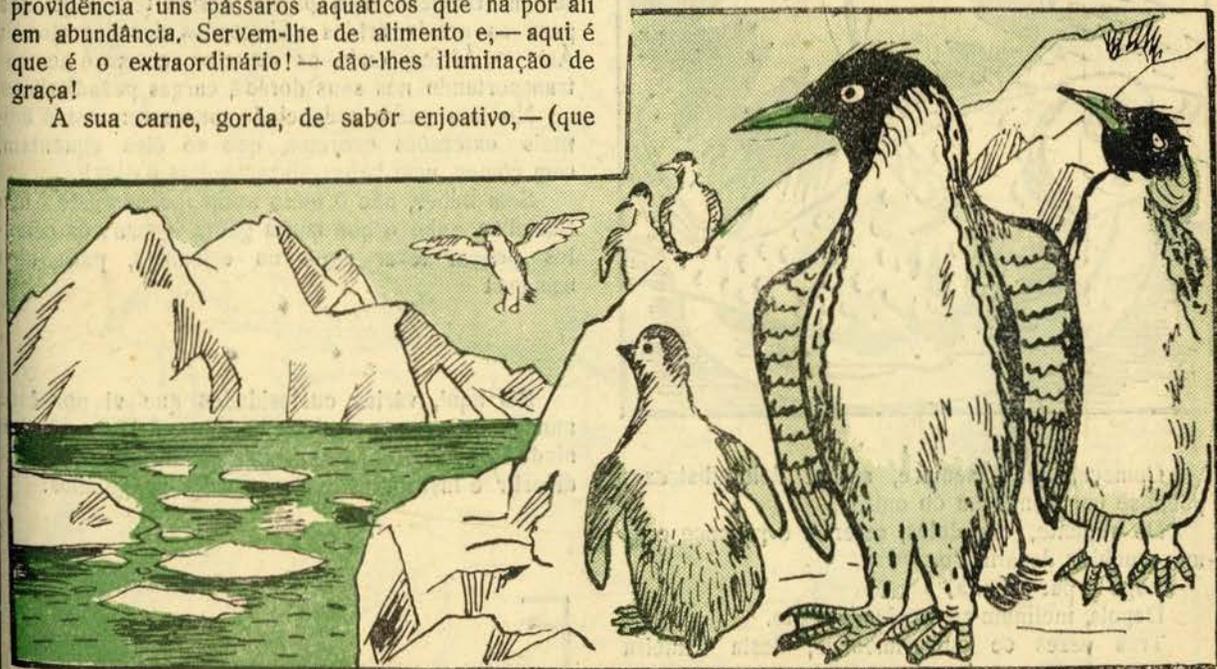
Para aquela pobre gente são uma verdadeira providência uns pássaros aquáticos que há por ali em abundância. Servem-lhe de alimento e, — aqui é que é o extraordinário! — dão-lhes iluminação de graça!

A sua carne, gorda, de sabor enjoativo, — (que

faria vomitar aos meus amiguinhos e a este Anão que só mete na barriguinha coisas tão delicadas) — é para os habitantes das regiões polares, um alimento são e fortificante, uma espécie de combustível nutritivo, que lhes dá saúde e calor!

O corpo destas aves é um reservatório de óleo, de tal maneira abundante, que basta atravessá-lo com uma mécha, para se obter uma lâmpada de chama brilhante que o vento mais forte, não consegue apagar!

Um pássaro chamado *petrel* é o mais empregado, para a iluminação destas terras, tanto ao ar livre como no interior das cabanas.



Nas ilhotas, ao sul de Alaska, — território a Noroeste da América, — os indígenas empregam também para o mesmo fim, um peixinho parecido com o arenque que até tem o nome de Peixe-Candeia!

Uma mécha, metida pela sua carne gorda e transparente, como a banha de porco, dá uma luz muito brilhante que só dura uns vinte minutos.

Mas os que ali habitam, não se importam com isso, pois que os tais peixes abundam nos mares gelados e os indígenas acendem, sem parar, tantas dessas estranhas candeias quantas são precisas, sem receio que o fornecimento acabe!

Estas lâmpadas e estas candeias deitam muita fumarada e aqui, nos países civilizados, fariam uma trífida figura para iluminação das ruas e dos interiores das casas.

Os meus meninos, habituados à deslumbrante electricidade, certamente achariam péssimo o que para os habitantes das trevas é como estrêlas, através da bruma das longas noites polares.

\*

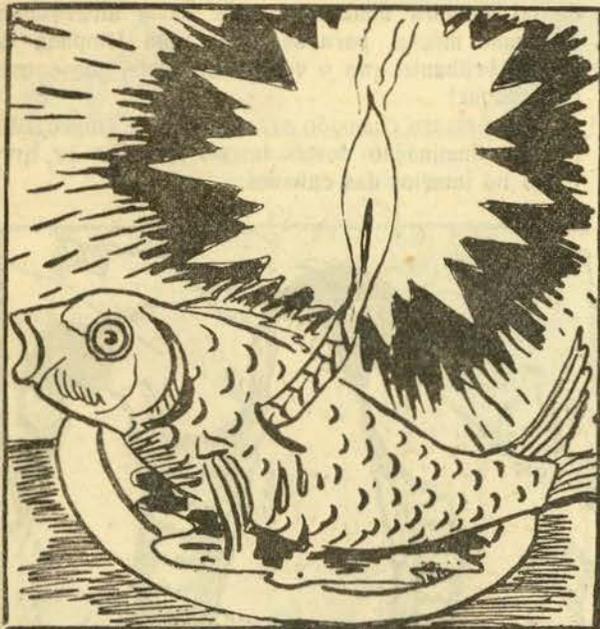
\*

\*

Também por essas parágens, existem uns passarões, chamados albatrozes que têm penas brancas e pés pretos.

Quando, em grandes bandos, pousam em terra, parecem, de longe, tapetes de neve.

Estas aves usam, entre elas, uma cerimónia estranha e divertida.



Começa, quasi sempre, assim: dois albatrozes põem-se em frente um do outro.

De repente, um deles, estende o pescoço e dá um grunhido desafinado.

Logo o par o imita,

Depois, inclinam-se, profundamente.

Três vezes se cumprimentam, desta maneira solene.



Em seguida, cruzam os bicos muito depressa, e, nuns movimentos rápidos, com as cabeças, fazem uma espécie de esgrima, tendo sempre as mandíbulas fechadas.

Como sou, assim, pequenino, lembrei-me de me colocar, uma vez, em frente dum destes bicharocos, para ver se elle me tomava por algum dos companheiros e me cumprimentava com o mesmo ceremonial.

Mas o passarão olhou-me desconfiado, bateu-me com o bico, como querendo castigar-me e, cheio de desdém e dignidade ofendida, fugiu para longe de mim!

Agora, para finalizar, ainda aqui deixarei dito, hoje, mais uma cousa curiosa, que aprendi nas minhas viagens e muito gosto tenho que os meus meninos saibam também. Vou passar destas terras geladas, para os areais áridos e abrasados dos desertos da Ásia e África, onde os camelos servem o homem, transportando nos seus dorsos, cargas pesadíssimas.

No seu passo cadenciado, percorrem estes animais extensões enormes, que só elles aguentam, sem comer, nem beber, durante dias e dias!

Sem beber, não é tanto assim, porque este Anão Sabichão sabe o que muita gente ignora: os camelos podem levar água no estômago, para uma semana!

\*

\*

\*

Eis aqui, várias curiosidades que vi por esse mundo fora, mas a minha bagagem é inesgotável e ainda lá guardo mil e mil cousas interessantes, para divertir e instruir os meus queridos amiguinhos.

F

I

M



# O GIGANTE VERDENEGRO

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑÉ

(Continuado do número anterior)

A pintura demorou o dia inteiro. Porisso, a certa altura, o gigante, obrigado a suportar tanto tempo os tratos de polé que Namorado lhe infligia, ora mandando-o sentar, ora levantar, ora deitar, não o deixando sossegar um instante, começou a queixar-se:

— «Ai!... Estou tão cansado!...»

Mas o págem, convencido de que o obrigaria a desistir do casamento para não suportar tantos trabalhos, respondeu:

— «Sofrer, sofrer, para formoso ser!...»

Contudo, na manhã seguinte, Namorado teve uma delusão. O gigante, que não pudera deitar-se para não estragar a pintura, tóra mirar-se no lago do jardim e ficara tão contente por se ver branquinho, que até lhe apetecera dar uma bejoca no págem Namorado.

— «Namorado! — berrou êle —. Vem acabar a obra!...»

O págem acorreu. Mandou buscar duas barricas de cal, misturou-lhes água e com uma escova de esfregar o chão, principiou a lavar-lhe a dentuça.

Mas, a certa altura, Verdeneiro desatou a gritar:

— «Alto!... Alto!... Queimas-me as gengivas!...»

— «Então, senhor gigante — respondeu o págem —. Sofrer para formoso ser!...»

E tanto esfregou, tanta fôrça empregou, que conseguiu tornar brancos os dentes verdes do gigante.

Este foi novamente mirar-se no lago e ao ver o belo resultado de tão grande trabalho, agarrou em Namorado e apertou-o contra o peito, num abraço de reconhecimento. Mas o págem é que não gostou nada da brincadeira e gritou espavorido:

— «Ai que me rebenta! Ai que me desfaz as costelas!...»

Então Verdeneiro largou Namorado e ordenou-lhe:

— «Agora, para acabares a tarefa só te falta penteares-me.»

— «Para isso preciso dum machado, dum ancinho e de mais dez alguidares de grude.»

Veio o que o págem pedira.

Namorado agarrou no machado e com êle cortou grande parte da cabeleira do gigante. Em seguida penteou-o com o ancinho. Este bem lhe berrava:

— «Alto! Arrepelas-me!...»

Mas o págem respondia:



— «Então!... Sofrer para formoso ser!...»

Por fim, para assentar as repas de Verdeneiro, Namorado despejou-lhe na cabeça os alguidares de grude, tornou a alisar-lhe os cabelos com o ancinho... e deu os trabalhos por terminados.

Outra vez o gigante se foi mirar no lago. E tão satisfeito ficou com a sua linda figura, que se voltou para o págem e lhe disse:

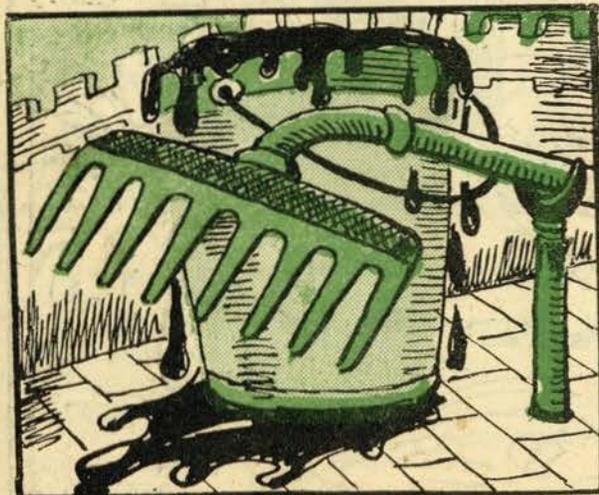
— «Muito bem, págem Namorado. E's a pessoa mais habilidosa que eu tenho encontrado na minha vida. Porisso, em paga dos serviços que me prestaste, tens o direito de escolher de que morte queres morrer...»

— «O quê, senhor gigante? — indagou Namorado, surpreso. — Então tu ainda queres que eu mórra?...»

Evidentemente. Condenei-te à morte e palavra de gigante não volta atrás... Amanhã, de manhã, serás executado...»

O págem, então, respondeu:

— «Pois bem, senhor! E' costume conceder-se uma derradeira graça aos condenados à morte. Vou, portanto, fazer-te o meu último pedido.»



— Dize lá!... »

— «Há tempos apostei com a princesa Rosiclér em como tu, senhor gigante não serias capaz de dar um salto daqui, da Montanha Azul, para acolá, para a Montanha de Pedra... Ela dizia que sim, eu dizia que não. Ora eu, antes de morrer, queria ganhar ou perder a aposta...»

— «Oh, misero e inferior verme!... Tu atreves-te a duvidar da minha agilidade? Pois está concedida a graça que me pedes... Quero mostrar-te que sou tão ágil quanto poderoso!... Monta no teu cavalo e corre a avisar a côrte de que amanhã, ao romper da aurora, assistirão ao mais extraordinário espectáculo de todos os tempos: um salto da Montanha Azul para a Montanha de Pedra!...»

Ora entre estas duas montanhas, que ficavam a enorme distância uma da outra, estendia-se o mar.

Mas Verdenegro, estúpido e vaidoso, nem mesmo notou a impossibilidade de cumprir a sua promessa.

A' hora marcada, o rei, a princesa e tóda a côrte, em soberbos cavalos, ricamente ajaezados, chegavam ao palácio do gigante. Este, todo inchado, dirigiu-se logo à princesa, ajoelhou, beijou-lhe a mão e disse:

— «Linda princesa: por vosso amor me transformei... por vosso amor eu saltarei...»

Endireitou-se e gritou:

«Lá vou eu por esta vez!...»

Um!

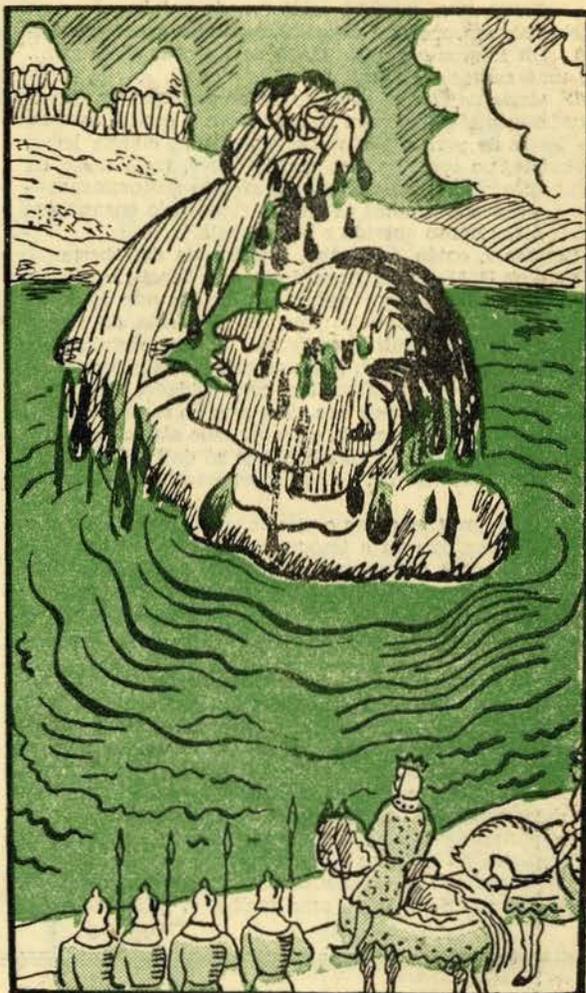
Dois!

Três!»

E, formando o pulo... foi cair dentro do mar... Como era pesadíssimo, enterraram-se-lhe as pernas no lódo... e nunca mais de lá pôde sair.

Porisso, pouco tempo depois, o rei para premiar a coragem e o amor do págem Namorado pela princezinha, concedia-lhe a mão desta.

O casamento realizou-se com grande pompa.



Mas nunca mais o págem nem a princesa puderam atravessar o mar!...

Não que o gigante Verdenegro jurou que, se algum deles a isso se atrevesse..., desapareceria para sempre...

\*  
\* \*

A avózinha acabou o conto. E o Zezinho comentou:

— «E' bem bonita essa história!... Eu cá também gostava de ser o págem Namorado, para casar com a princezinha e castigar o gigante...»

— «Ai, ai, ai!... — respondeu a avó sorrindo — Estamos bonitos, seu valentão!... Cresça e apareça, ouviu?»

■ F I M ■



## HA' BRUXAS NO GALINHEIRO — (Continuado da página 3)

dor dos nossos ovos, cantemos em côro, ajudando-nos também o galo com o seu lindo có-có-ró-có. Assim, chamaremos a atenção da Emília, porque, preocupada com afazeres, deixa-nos abandonadas à hora do perigo. Queremos criar os nossos pintalinhos e não podemos, porque nos consomem todos os ovos!»

Cacareja a Branquinha: — «Assim como assim, não nos devemos preocupar que sejam uns ou outros que nos comam os ovos, já que para isso nos destinou a sorte!»

— Retorquiu a Pedrês: — «Bem ouviste a patrôa dizer que eramos nós próprias que comiamos os ovos...»

— Respinga a Pretinha: — «Devemos protestar. Dou o meu voto pelo que disse a nossa amiga; acho o mais acertado!»

— «Faremos isso, queridas — (disse o galo) — enquanto estiverdes em «trabalhos difíceis» eu ponho-me de espreita e, logo que sintamos passos do inimigo, dou um brado e começaremos o côro.»

— «Muito bem, nosso querido amado galo!»  
 Naquele dia, mal, na capoeira, sentiram passos no jardim, sem mesmo saber de quem se tratava, oh! ceus!... Foi uma cantoria de ensurdecer!

D. Maria da Graça, que descera ao jardim para colher flores, assustou-se e correu ao galinheiro a certificar-se do que havia de perigo. Nada era mas poude, enfim, levar, sorridente, no cestinho, em vez de flores, meia dúzia de quentinhos ovos, enquanto que as aves se acotovelavam — isto é — azavam-se umas ás outras, rindo pelo engano que tivera o seu muito querido e amado galo.

Deixaram, então, ao tempo, a tarefa da descoberta.

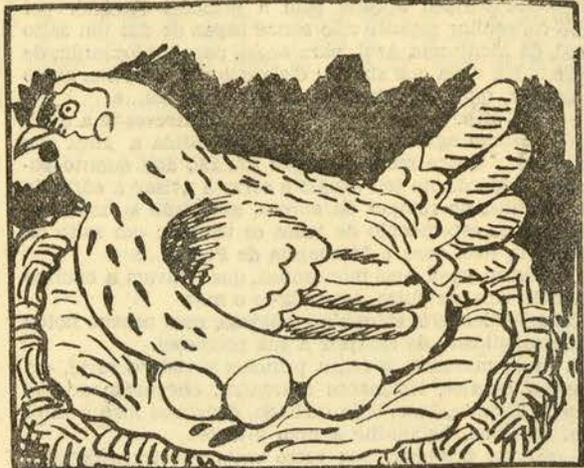
De novo D. Maria da Graça desce, dias depois, ao jardim para colher flores; em seguida a Emilia com as ervas para defumar o galinheiro; apenas D. Maria da Graça cortara uma rosa, sentiu um *tic, tic, tic, tic* precipitado, e viu, reunidos a um canto, todos os galináceos piiscando os olhos uns aos outros. Espreitou com cuidado, mas nada poude ver. Pediu à criada que visse bem no recanto escuro, formado pelo vão da escada e aproveitado somente para o trabalho espinhoso das galinhas, que só dali saíam, orgulhosas, para mostrarem, ao sol, soberbas ninhadas de novelinhos.

A Emilia prostrada com o pau da vassoura e a D. Maria da Graça munida com a tesoura das flores, ei-las em posição hostil para atacarem o inimigo. O galo subira para um galho duma árvore para melhor observar e as galinhas, com sorrisinhos de troça, estendiam os pescocitos no desejo de verem a surpresa da caçada, nas duas mulheres!

Já mais afeita ao escuro do recanto, desatou numa gargalhada estridente a criada: — «Vejo, minha senhora, luzir dois olhos brilhantes, duas faces vivamente coloridas, os pulsos e as pernas são de um atleta. Quem será, minha senhora?! Traz a tiracolo a sacola dos livros, na mão um copo, dentro do copo uma colher, um pacotezinho com restos de açúcar, e vejo cascas de quatro ovos!...»

E quantas vezes êle ali não terá estado, de cócoras, esperando que las galinhas acabem de pôr os ovos!...»

Foi então que D. Maria da Graça, em vez de rosas, levou, por entre os dedos, uma orelha, e, já lá em cima,



aplicou fortemente tonificada uma «cataplasma de açoitês» em certo sítio para que a doença se não tornasse crónica—

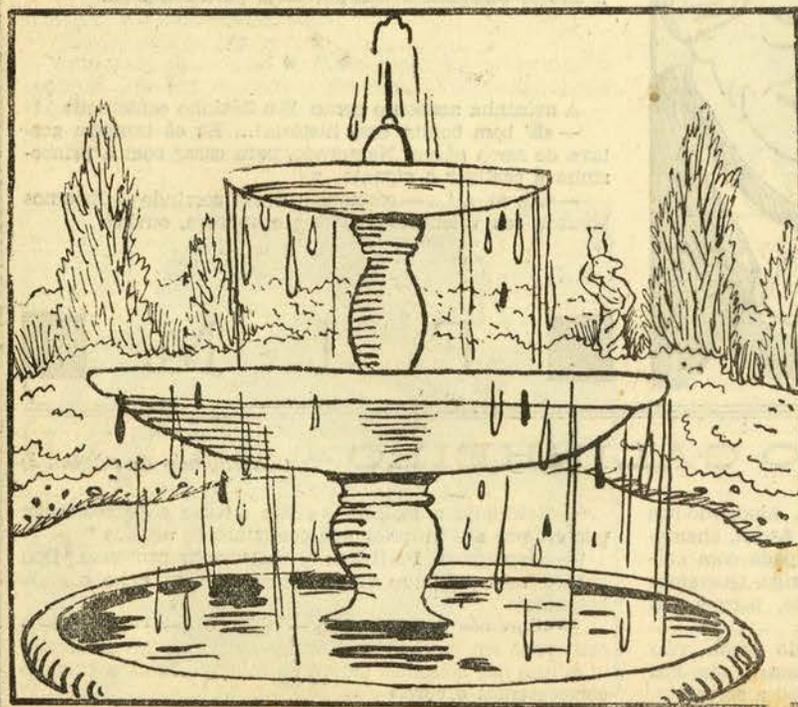
No galinheiro as galinhas diziam: — «O que lembra a rapazes não lembra ao diabo!...»

... ..

Conto esta verídica história, passada com um menino, hoje aluno das Belas Artes, já no curso superior, que nunca mais se esqueceu de que toda a má acção é punida, embora Deus não diga quando. Nada neste mundo hé que se não chegue a saber!

F I M

## PARA OS MENINOS COLORIREM Concursos



### Charadísticos

#### SECÇÃO RECREATIVA

Número 2 — 1.º Concurso

Nota: — Tôda a correspondência referente a esta secção deve ser endereçada a *Américo Taborda (Rei do Sébo)* — «PIM-PAM-PUM» — Rua do Século, 43 — LISBOA.

#### CHARADAS EM VERSO

- 1) Por causa da grande molha — 2  
 Causaste-me sofrimento, — 1  
 Mas para a outra vez — olha! —  
 Pega no «vaso» com tento!

Bata Loura

#### CHARADAS SINCOPADAS

- 2) Oh! caro amigo, está quieto. — 5  
 3) Esta «mulher» é portuguesa — 5  
 Setúbal — Béu  
 4) Em troca dêste «alimento» recebi  
 uma vestimenta — 5  
 5) Junto ao açude a mulher ora com  
 fervor — 5

Setúbal — Lucas

# QUEM NÃO QUERE SER LOBO ...



Meninos: — Era uma vez um certo gato maltês que numa escola vivia. O gato, quando saía para o campo, vendo lebre, todo se enchia de febre no desejo de a comer.

Então, o gatinho ao ver que as lebres e coelhinhos saltavam tão ligeirinhos que os não podia alcançar, resolveu-se mascarar, mascarar-se de coelho. Vai direitinho ao espelho

da escola e entia, casmurro, as orelhitas de burro, que os meninos, mandriões quando davam más lições, enfiavam na cabeça.



Com elas, a toda a pressa, se dirige, todo lampo, aos saltinhos para o campo, convencido de que, assim, conseguiria o seu fim.

Mas como a sua intenção era má, o figurão tem o prémio que merece... Um caçador aparece...

E não lhes digo mais nada. Eis a história terminada: — Meninos: — era uma vez um certo gato maltês!

6) Recebi o «jornal» sem avença — 3 Oeste — Livramento — Nela

7) Leva um recado ao camando militar — 3

Portalegre — Sir Mistério  
ELÉCTRICA

8) S.O.S.! S.O.S.! S.O.S.!  
Emoção geral...  
Depressa! Cõrram! Prestem auxílio àquele território africano... — 2

Tomar — A. Seravato  
COMBINADA

9) + me = Denominação  
+ ra = Epoca  
+ ra = Intento  
+ gir = Obrar

Conceito: «Mulher»

Lisboa — Zé Manel

EM LOSANGO

10)

Seculo  
\* \* \* \* \*  
\* \* \* \* \*

Consoante  
Indignação  
«Parente»  
Desejo  
Vogal

Leiria — Ramon Novarro

PREGUNTA ENIGMATICA

11) Qual é a terra portuguesa que serve para fechar e abrir?  
Medelim — António Freire

Chaves

Chamamos a atenção dos concorrentes para os erros que se verificaram quando da saída do Regulamento desta secção e que escaparam,

a- apesar da nossa boa vontade e meticolosa revisão.

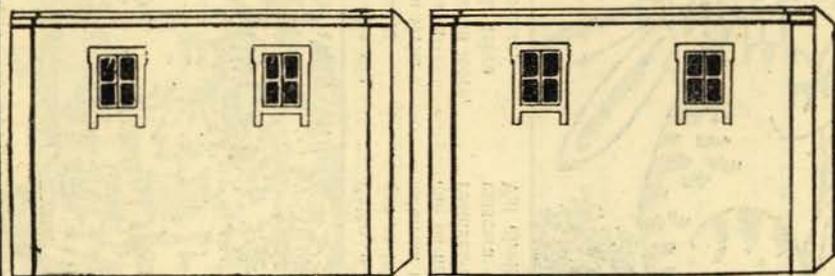
Ei-los;

No cap. III, primeira linha, onde se lê; Quadros de Distinção, leia-se: Quadro de Distinção; onde se lê: Quadros de Honra para a decifração de maior número de pontos, leia-se: Quadro de Honra para o decifrador de maior número de pontos.

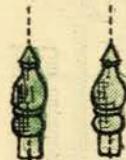
No cap. VI, que nos elucida sobre a distribuição dos prémios, diz-se serem estes atribuidos aos 3 melhores concorrentes, contudo os premiados serão em número de 4, pois, como se verifica, são detentores desses prémios os dois campões e sub-campões, referentes a Produtores e Decifradores.

Na «Coluna dos fortes» serão dois os premiados em virtude de se apresentarem dois campões.

6ª Fólha: **PAÇOS DO  
CONCELHO**

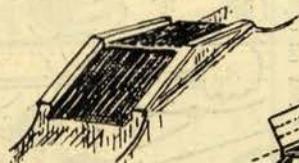


FAÇES-LATERAIS DO EDIFÍCIO



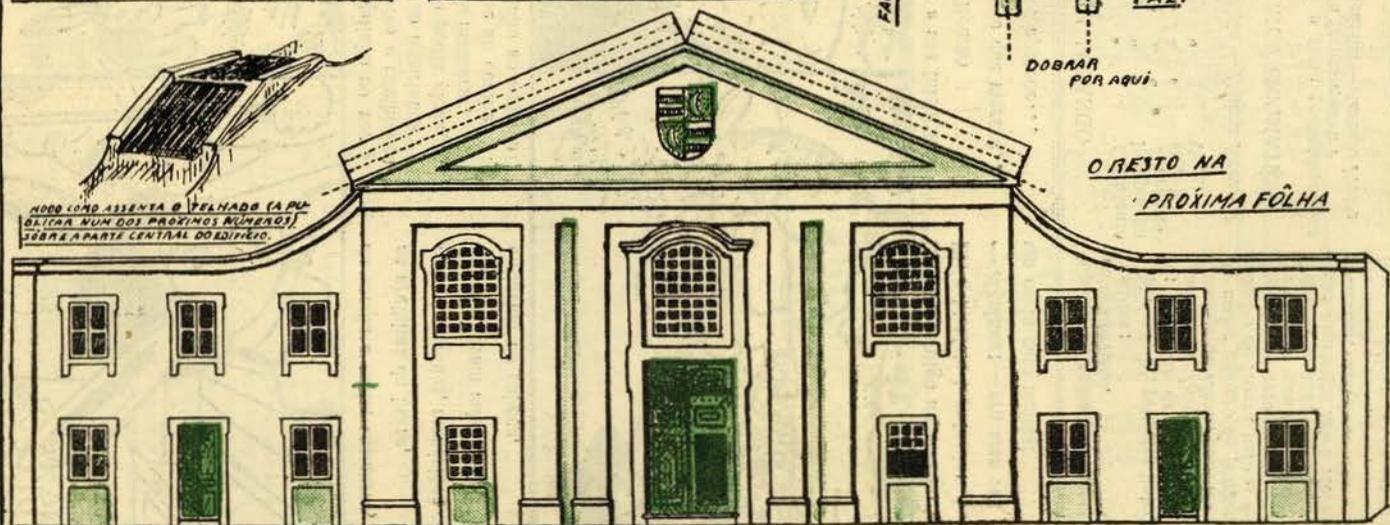
COLOCAR ESTAS PERAS  
NOS EXTREMOS SUPERIO-  
RES DA FAÇADA PRINCIPAL.

DOBAAH  
POR AQUI



MODO COMO ASSENTA O TELHADO (A PE-  
SQUITA NUM DOS PROXIMOS NUMEROS)  
SOBRE A PARTE CENTRAL DO EDIFÍCIO.

O RESTO NA  
PRÓXIMA FÓLHA



Est. Lavoura 935

ARMAR